

Esquecimentos midiáticos: mãe-sozinha, pai-ausente, bebê-monstro e a epidemia de Zika na Folha de S. Paulo on-line

Luiz Felipe Zago
Paulo Renato Pimentel

RESUMO

O presente artigo é uma análise dos enquadramentos de três personagens noticiosos: a mulher mãe nordestina, o pai e os bebês com microcefalia na epidemia de Zika vírus no Brasil em 2016, através dos textos das notícias publicadas na Folha de S. Paulo on-line. A pesquisa tem como referencial teórico-metodológico os estudos sobre Teoria da Agenda e do efeito de enquadramento. O objetivo do artigo é mostrar quais narrativas são produzidas sobre a epidemia de Zika no Brasil através das notícias e manchetes publicadas pela Folha de S. Paulo on-line durante os meses de janeiro a agosto de 2016. É a partir do poder de enquadramento e de agendamento da mídia que se pode identificar as categorias da mãe-sozinha, pai-ausente e bebê-monstro produzidas através das notícias publicadas pela Folha de S. Paulo online sobre a epidemia de Zika no Nordeste do Brasil. Como resultado foi concluído que, se conforme a teoria da Agenda, os meios de comunicação de massa determinam a agenda do público, eles também determinam os esquecimentos de temas pelas mídias e pelos públicos.

PALAVRAS-CHAVES: Epidemia de Zika. Folha de S. Paulo. Agendamento. Enquadramento.

ABSTRACT

The present article is an analysis of the framing strategies regarding three news subjects: the Brazilian Northeastern mother woman, the father and the babies with microcephaly in the epidemy of the virus Zika in Brazil in 2016, through the texts of the news published on Folha de S. Paulo on-line. The research has as theoretical methodological reference the studies on the Agenda Setting Theory and Framing Analysis. The objective of the article is to show the narratives produced in the Zika epidemy in Brazil through the news and headlines published by Folha de S. Paulo on-line during the months of January to August 2016. It is from the framing power and from the agenda setting power that can be identified three categories: the lonely-mother, absent-father and monstrous-baby, produced through the published news by Folha de S. Paulo on-line on the Zika epidemy in the Northeast of the Brazil. As a result, it was concluded that if the Agenda theory asserts that the mass media determines the agenda of the audience, they also determine the forgotten issues by the media and by the audiences.

KEYWORDS: Epidemy of Zika. Folha de S. Paulo. Agenda-Setting. Framing Analysis.

INTRODUÇÃO

Para Nelson Traquina (2004), a epidemia de HIV é um tema geral ao qual se articulam descobertas médico-científicas, ações de Estado e organizações da sociedade civil, entre outros agentes, incluindo os meios de comunicação: poderosos veiculadores de aspectos políticos, sociais, científicos, profiláticos, psicológicos, públicos, privados, contextuais do fenômeno. Assim, a infecção pelo HIV é tanto um acontecimento biológico quanto um acontecimento midiático (TRAQUINA, 2004). Na mesma perspectiva, colocamos a epidemia de Zika vírus no Brasil, tema central deste relato de pesquisa, como um tema geral a partir do qual se produzem diversos outros acontecimentos midiáticos convertidos em notícias: disputas médico-científicas pelos créditos das descobertas em relação ao Zika, orientações de especialistas sobre a gravidez, recomendações sobre planejamento reprodutivo, estratégias de prevenção ao mosquito transmissor do vírus, debates sobre o aborto, papel do Estado na prevenção e promoção da saúde das pessoas afetadas pela epidemia. De acordo com as notícias publicadas nos grandes veículos de comunicação do país ao longo do ano de 2016, a principal articulação da epidemia de Zika no Brasil deu-se com o crescente número de casos de nascimentos de crianças com microcefalia cujas mães foram infectadas com o vírus da Zika.

Neste relato de pesquisa, o tema geral *epidemia de Zika no Brasil* é apresentado em uma linha de tempo cujo recorte corresponde aos meses de janeiro a agosto de 2016. Nesse período foram pesquisadas e arquivadas notícias relacionadas à epidemia de Zika publicadas pela Folha de S. Paulo on-line, totalizando um *corpus* constituído de 57 manchetes de notícias, 47 notícias (totalizando 104 conteúdos jornalísticos) e a transcrição de um vídeo sobre a epidemia publicado no canal do YouTube da Folha de S. Paulo. A escolha da versão on-line do jornal se justifica por oferecer um conteúdo textual e imagético detalhado em notícias gratuitamente publicadas na internet – muito embora, mais adiante, expliquemos que houve limitações importantes de acesso ao conteúdo das notícias no decorrer da pesquisa.

A partir dessas notícias são analisados os modos como o veículo noticiou a epidemia de Zika em estreita articulação com a microcefalia, sublinhando três momentos distintos: a) aparecimento das narrativas midiáticas (discursivas e

imagéticas) que apontam para a construção das figuras do bebê-monstro e da mulher mãe-sozinha; b) explosão discursiva e imagética acerca do bebê-monstro e da mãe-sozinha; c) desaparecimento do humano e centralidade das estatísticas nas narrativas midiáticas sobre a epidemia de Zika. Essas categorias serão mais bem explicadas a seguir.

BREVE HISTÓRICO DA EPIDEMIA DE ZIKA NO BRASIL

Conforme Debora Diniz (2016), não há registros oficiais sobre o “paciente zero” da epidemia (paciente zero seria o primeiro paciente infectado pelo vírus em território brasileiro). Segundo a autora, foram levantadas pelo menos três hipóteses sobre como o vírus Zika teria chegado no Brasil: a primeira seria o Campeonato Mundial de Va’a, de canoagem polinésia (entre 12 e 17 de agosto de 2014), a segunda a Copa do Mundo Fifa (entre 12 e 30 junho de 2014, em 12 estados do país) e a terceira a Copa das Confederações Fifa (entre 15 e 30 junho de 2013) (DINIZ, 2016, p. 32). De acordo com essas hipóteses, tais eventos teriam trazido turistas de várias partes do mundo ao Brasil e, com eles, poderia ter vindo também o vírus¹.

Oficialmente o Zika vírus foi confirmado pelo Ministério da Saúde em maio de 2015. O seguinte texto foi publicado no Portal da Saúde²: “O Ministério da Saúde confirmou nesta quinta-feira a circulação do Zika vírus no país. O Instituto Evandro Chagas atestou positivo para o exame de 16 pessoas que apresentaram resultados preliminares para o vírus. Foram oito amostras da Bahia e oito do Rio Grande do Norte” (DINIZ, 2016, p.23).

Graças aos dados oriundos do Brasil, a Organização Mundial da Saúde decretou emergência de importância internacional de saúde, em 1 de fevereiro de 2016, sendo a quarta vez na história em que o mundo recebeu este tipo de decreto. Pelo consenso entre cientistas biomédicos, a declaração da OMS afirmou a relação do Zika com os nascimentos de bebês com a síndrome congênita do Zika. A Síndrome Congênita do

¹ Ainda segundo Diniz, para aproximar-se da exatidão de data de chegada do Zika vírus no país (sem os registros oficiais relacionados ao “paciente zero”), pesquisadores sequenciaram o DNA do vírus que circula no Brasil. Chegaram ao dado de que a linhagem brasileira tem 99% do genótipo asiático, também descrito como “linhagem asiática”. Identificando o tipo de vírus que circula no país os cientistas preferem pensar que, ou na Copa das Confederações de Futebol, ou no Campeonato de Canoagem, teria ocorrido a entrada do Zika em território brasileiro, por ter sido nestes dois eventos que passaram por aqui atletas oriundos da Polinésia Francesa (DINIZ, 2016, p.33).

² <http://portalsaude.saude.gov.br>

Zika é um grupo de sinais e sintomas, entre eles a microcefalia, que ocorre quando há a transmissão vertical do vírus da mãe que teve a doença para o feto, causando nas crianças inúmeras limitações: baixa visão, baixa audição, problemas de locomoção, tamanho reduzido do crânio (DINIZ, 2016, p.69). Ainda foi confirmada, por esta mesma declaração, a associação do Zika à Síndrome de Guillain-Barré, uma alteração neurológica em adultos que tiveram o vírus (DINIZ, 2016). Em julho de 2016, a Organização Mundial da Saúde fez um novo pronunciamento, no qual afirmou que a emergência global continuava.

Em entrevista ao programa “Diálogo Brasil”, do canal Brasil e publicado no Youtube em 19 de setembro de 2016³, Débora Diniz afirmou que inúmeros direitos das mulheres (mãe de bebês com a síndrome congênita do Zika, em sua maioria nordestinas, pobres e responsabilizadas pela criação de seus filhos) estavam sendo violados, ao que a pesquisadora deu o nome de “uma tragédia humanitária que cerca o País”.

Dado o breve histórico aqui trazido sobre a emergência da epidemia de Zika no Brasil, que procurou mencionar, de modo não exaustivo, a relevância da temática no contexto social brasileiro, procurar-se-á a partir daqui sublinhar também a relevância midiática da epidemia no modo como um grande veículo de comunicação produziu notícias sobre o Zika vírus. Neste exercício analítico, operaremos principalmente com os conceitos de monstro (COHEN, 2000) e de gênero (LOURO, 2004; MEYER, 2005). Metodologicamente, utilizaremos aportes da parte quantitativa da Teoria da Agenda, conforme Maxwell McCombs (2009) e, na parte qualitativa, com as balizas do efeito de enquadramento, segundo Telmo Gonçalves (2005).

NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS: AGENDAMENTO E ENQUADRAMENTO

No que diz respeito processo metodológico, após terem sido definidos o veículo de comunicação e o recorte temporal para delimitação de onde e por quanto tempo seriam selecionadas as notícias sobre a epidemia de Zika e sua associação com casos de microcefalia, procedemos à pesquisa na plataforma on-line do jornal Folha de S.

³ <https://www.youtube.com/watch?v=IUNDTN0KIn> Acesso em outubro de 2017.

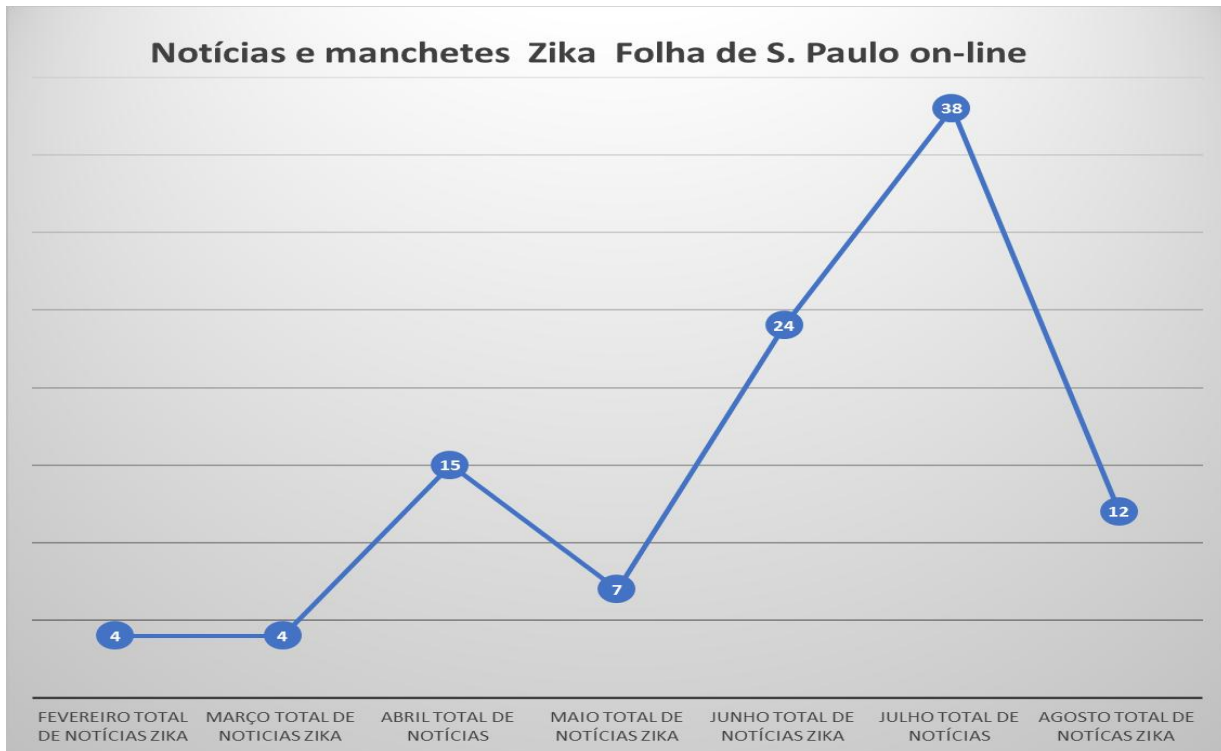
Paulo utilizando as palavras “Zika” e “microcefalia”. As notícias foram separadas por mês e foram analisados os textos e as imagens aí contidos. Ainda, foram selecionados fragmentos de textos que mostravam como eram aí representados três figuras presentes nas notícias relacionadas a epidemia de Zika no Brasil: as mulheres mães, os homens pais e as crianças afetadas pelo Zika.

Ao longo do primeiro semestre de 2016 surgiu um impedimento metodológico: no final de março de 2016 o veículo Folha de S. Paulo limitou o acesso, cópia e reprodução gratuitos de notícias em sua plataforma on-line. Essa é uma das razões pelas quais apenas manchetes passaram a compor o material analítico desta pesquisa. Dessa forma, foram arquivadas notícias disponíveis gratuitamente pelo veículo; quando se chegava ao limite de visualizações imposto pela Folha de S. Paulo on-line, foram arquivadas as manchetes das demais notícias – e não a integralidade de seu conteúdo. Para amenizar o impacto analítico deste problema metodológico, buscamos outros conteúdos produzidos pela Folha de S. Paulo disponibilizados na internet. Através do canal oficial do veículo no YouTube, TV Folha Online⁴, encontramos um vídeo específico que aborda a epidemia de Zika e sua correlação com a microcefalia. Trata-se do vídeo “Zika, microcefalia e os dilemas da gravidez”, publicado pela TV Folha no YouTube em 5 de fevereiro de 2016, e que conta com mais de 248 mil visualizações⁵. O vídeo passou a compor, então, o material analítico da pesquisa de acordo com três critérios: dado o impedimento da leitura, cópia e reprodução de conteúdo imposto pelo veículo Folha de S. Paulo on-line sobre suas notícias; o fato de o vídeo ter sido publicado pelo canal on-line oficial do veículo analisado; o fato de o vídeo abordar diretamente o tema geral da pesquisa.

A quantidade de notícias relativas à epidemia de Zika e casos de microcefalia foi calculada por cada mês, chegando-se assim aos dados quantitativos deste relato de pesquisa. A seguir, na Tabela 1, apresentamos um gráfico que demonstra em uma linha temporal mensal a quantidade de notícias relacionadas ao tema veiculadas pela Folha de S. Paulo online para o recorte temporal escolhido.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=EYbOVO9bX2o> , acesso em 09/10/2017

⁵ Última verificação em 09/10/2017.



Os veículos de comunicação de massa desempenham, em nossa sociedade, o papel de informar e determinar os assuntos que terão relevância e deverão ser debatidos no cotidiano social, segundo Maxwell McCombs (2009). Para o autor, os jornais, as notícias de TV, as notícias publicadas em uma página oficial de um meio de comunicação de massa, fazem bem mais do que sinalizar a existência de temas e eventos importantes. Conforme McCombs, na seleção diária de notícias os/as editores/as e diretores/as de uma redação podem focar a atenção dos/as leitores/as em determinados temas e podem influenciar suas percepções naqueles tópicos que são as questões por eles definidas como mais importantes do dia. Esta habilidade de influenciar a relevância dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada de função de agendamento dos veículos noticiosos (McCOMBS, 2009).

Para McCombs (2009), a repetição de um tema dia após dia é a mais importante mensagem de sua importância dada pelos meios noticiosos. Para o autor, a principal afirmativa da Teoria da Agenda é que os temas destacados nas notícias acabam, ao longo do tempo, sendo considerados como importantes também pelo público. Em outras palavras, a agenda da mídia estabelece a agenda do público, em relação a qual assuntos receberão atenção no cotidiano. Segundo o autor, “esse é um

efeito causal forte da comunicação massiva no público: a transferência da saliência da agenda da mídia para agenda do público” (McCOMBS, 2009, p. 22). A verificação da agenda da mídia acontece a partir de um levantamento quantitativo das notícias cujos temas são repetidos e retomados em um dado recorte de tempo em um determinado veículo de comunicação. É nessa parte da Teoria da Agenda na qual nos inspiramos para um aspecto da metodologia deste artigo. Entretanto, segundo McCombs (2009), para que haja a confirmação do agendamento pela mídia é ainda necessário verificar se os temas recorrentes no veículo selecionado infiltram no cotidiano do público – algo que exige pesquisas específicas junto ao público. Para este artigo, não levaremos em conta essa segunda parte do método da Teoria da Agenda, que consiste em verificar a recepção dos conteúdos agendados pela mídia nos indivíduos.

Além do levantamento quantitativo da recorrência de notícias sobre epidemia de Zika na Folha de S. Paulo on-line, foram selecionados fragmentos de textos e imagens publicadas nas notícias selecionadas que mostram como são aí representados estes indivíduos: as mães, os pais e as crianças com microcefalia. Por meio da forma como as notícias narram a epidemia de Zika e sua associação com a microcefalia, forja-se um repertório de marcas atribuídas a esses indivíduos por meio de falas de autoridades, médicos/as e outros especialistas, também a partir dos relatos das próprias mães de crianças com microcefalia, associada ao Zika vírus. Esse repertório de marcas atribuídas às mães infectadas com Zika, seus bebês e aos pais dos bebês pode ser compreendido como o enquadramento dado pela Folha de S. Paulo on-line à epidemia de Zika e à microcefalia.

Segundo Telmo Gonçalves (2005), o enquadramento é um dos paradigmas mais importantes nas investigações sobre Comunicação Social como um todo, e sobre o Jornalismo em específico. O enquadramento é oriundo da incorporação às teorias da comunicação dos conceitos de *frame* (“moldura”) e *framing* (“enquadramento”) empregados, principalmente, por Gregory Bateson e por Erving Goffman. Gonçalves (2005) explica que o enquadramento promovido pela forma como os meios de comunicação noticiam um fato é uma parte do processo de construção e apreensão do real pelo público de leitores/as ou espectadores/as de um veículo de comunicação. Nesse sentido, o autor identifica vários usos e perspectivas da noção de

enquadramento no interior da Comunicação Social. Aquela que nos interessa aqui sustenta, segundo Gonçalves (2005, p. 159), que “as notícias são o próprio enquadramento, pois é através delas que construímos grande parte da nossa percepção do mundo e da nossa relação com ele”. Tal emprego do conceito de enquadramento se alinha às Teorias dos Efeitos a Longo Prazo e propõe o seguinte:

A maneira conforme as informações são apresentadas pode influenciar diretamente o modo como as pessoas entendem essas informações. A mídia influi diretamente no modo de interpretação das pessoas construindo a mensagem (...) esse contexto passa a dar o sentido da notícia e determina a compreensão do fato noticiado dentro dessa moldura (MARTINO, 2009, p. 46).

Entendemos, aqui, que as notícias sobre epidemia de Zika e suas relações com a microcefalia estabelecem um contexto, ou uma moldura, dentro dos quais a compreensão sobre os temas será construída. Nessa direção, os textos e imagens que compõem as notícias, as manchetes e o vídeo analisados neste relato de pesquisa oferecem marcas a partir das quais os indivíduos narrados midiaticamente serão enquadrados⁶. É por essa razão que sugerimos que as notícias, as manchetes e o vídeo publicados pela Folha de S. Paulo on-line enquadraram três indivíduos: mulher mãe, homem pai e bebê com microcefalia. Esses indivíduos são narrados nas notícias, manchetes e imagens de modos distintos em diferentes momentos do tempo aqui escolhido. Conforme mostraremos a seguir, a mulher mãe infectada pelo vírus da Zika é, sobretudo, a “mulher-sozinha”; o homem pai é um “pai-ausente” nas narrativas; principalmente, o “bebê” com microcefalia é produzido como um “bebê-monstro”. Além disso, próximo ao fim do recorte temporal escolhido, identificamos que o enquadramento das manchetes e notícias arquivadas apontam para um foco excessivo em números, estatísticas dados quantitativos, fazendo desaparecer as narrativas sobre indivíduos cujas vidas e corpos foram afetados pela epidemia de Zika e pela microcefalia, o que nos indica para um deslocamento do enquadramento das vidas em direção àquilo que chamamos de “desaparecimento do humano”.

⁶ Não ignoramos a importante discussão sobre as diferenças e semelhanças das abordagens do efeito de enquadramento e o agendamento de atributos, conforme proposto por McCombs. Entretanto, decidimos empregar aqui o gesto metodológico quantitativo da Teoria da Agenda, selecionando e contabilizando notícias sobre um determinado tema, e evitamos o gesto metodológico da mesma teoria que sugere confirmar o poder de agendamento junto ao público por meio de aplicação de questionários. Preferimos, nesse sentido, o aporte do enquadramento que, em certa medida, se aproxima do esforço intelectual dos Estudos Culturais em Comunicação ao ler a mídia como um texto cultural.

MÃE-SOZINHA E PAI-AUSENTE NAS NOTÍCIAS SOBRE ZIKA E MICROCEFALIA

Dagmar Meyer (2005) diz que é possível compreender, a grosso modo, gênero como uma construção social do sexo que ocorre sempre inserida em uma determinada cultura em um determinado período histórico. Para Guacira Lopes Louro (2008), é plausível afirmar que os processos de adequação ou inadequação às normas que estipulam as características que dividem binariamente os sexos, sejam para adequar-se ou distanciar-se daquilo que é pré-determinado, ocorrem nas redes de poder que compõem uma sociedade. Ou seja: segundo a autora, as regras são afirmadas e disseminadas pelos núcleos familiares, educacionais, religiosos, políticos e culturais que compõem determinada cultura. Aqueles sujeitos que buscam escapar das determinações, ao subvertê-las, são considerados transgressores, sofrerão represálias e serão denominados como minorias. Assim, Meyer propõe:

Gênero continua sendo uma ferramenta conceitual, política e pedagógica central quando se pretende elaborar e implementar projetos que coloquem em xeque tanto algumas formas de organização social vigentes quanto as hierarquias delas decorrentes (MEYER, 2005, p. 10).

160

É nesse contexto que surge, na década de 1970, através de um grupo de estudiosas anglo-saxãs, o uso do termo “gênero”, tradução de “gender”, com o desafio de demonstrar que não eram as características anatômicas e fisiológicas que determinavam as desigualdades existentes, até hoje, entre os gêneros (MEYER, 2005). São os modelos pelos quais as características femininas e masculinas são representadas, com mais ou menos valor, que denotam e resultam nas posições de superioridade ou inferioridade hoje existentes (MEYER, 2005).

Ao longo da vida e por meio de práticas sociais, os seres humanos são construídos pedagogicamente, estando eles inseridos em determinada cultura e período histórico, o que faz com que tenham diversas formas de vivenciar e praticar as feminilidades e masculinidades, essencialmente influenciadas pelo contexto em que se encontram:

Apoiando-se em perspectivas que concebem a cultura como sendo um campo de luta e contestação em que se produzem sentidos múltiplos e nem sempre convergentes de masculinidade e feminilidade, noções essencialistas, universais e trans-históricas de homem e mulher no singular passam a ser consideradas demasiadamente simplistas e contestadas. Exatamente porque o conceito de gênero enfatiza essa pluralidade e

conflitualidade de processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário admitir que isso se expressa pela articulação de gênero com outras marcas sociais, tais como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade. (MEYER, 2005, p. 17).

Para as análises deste relato de pesquisa, utilizamos o conceito de gênero para identificar as relações de gênero presentes nos textos das notícias. Entendemos que todas as relações de gênero estão sempre carregadas de relações de poder e, nessa direção, indicaremos como as mulheres mães e os homens pais são enquadrados pelos textos e imagens das notícias publicadas pelo veículo Folha de S. Paulo on-line.

Trecho 1: "É um absurdo. Já passou da hora de o ministério fazer essa recomendação 'não engravidar'. As mulheres que estão engravidando neste momento estão desesperadas, diz o médico Artur Timerman" ("Dilemas da gestação", 05.02.2016, Folha de S. Paulo).

Este primeiro trecho destacado exemplifica como se posicionavam alguns médicos e especialistas, no que diz respeito à epidemia de Zika e à suspeita de associação ao aumento de nascimentos de bebês com microcefalia. Tratam-se de homens que proferem discursos a respeito da maternidade, bem como sugerem quais providências devem ser tomadas pelo Ministério da Saúde. Grande número de notícias mostra as mulheres nordestinas mães desesperadas com a possibilidade de darem à luz a um filho "anormal", conforme mostra o trecho de outra notícia, a seguir:

Trecho 2: "Milena Carneiro da Paixão, 28, trabalha seis dias por semana das 7h30 às 16h, pesando pratos em um restaurante por quilo no Recife. Ela ganha um salário mínimo (R\$ 880). 'Tenho declarações provando que levei Davi ao médico, mas o patrão não aceita: quer descontar do meu salário ou tirar minha folga'" ("Com licença-maternidade perto do fim, mães cobram ajuda para criar bebês", 05.02.2016, Folha de S. Paulo).

O relato acima mostra as condições de vulnerabilidade a que estão expostas as mães de crianças com microcefalia no Nordeste (região do Brasil onde houve as

primeiras manifestações da epidemia), mulheres que pertencem a uma certa classe social. O patrão de Milena não aceita que ela leve seu filho com microcefalia para o médico – algo necessário, pois a doença requer que o bebê receba estímulos desde os primeiros meses após o nascimento para o melhor desenvolvimento da criança. Novamente um homem emerge no texto da notícia como um polo privilegiado da relação de gênero, como o patrão que impede a funcionária de levar seu filho à consulta médica, de acordo com a narrativa da mãe. Entende-se que essa mulher está vulnerável em sua condição de trabalhadora e em sua condição de mãe, conforme informa a notícia.

Trecho 3: “Quando pegou a Zika, Micaela pensou que as bolinhas vermelhas em seu corpo eram alergia. Quando o ultrassom indicou microcefalia, Micaela foi pesquisar na internet e chorou” (“Com licença-maternidade perto do fim, mães cobram ajuda para criar bebês”, 05.02.2016, Folha de S. Paulo).



Figura 1: Foto de Micaela e sua filha, publicada na Folha de S. Paulo on-line em 05/02/2016

Este relato mostra uma mãe desinformada sobre a microcefalia. Por não ter informações concretas sobre a doença, e também depois de ter confirmado o diagnóstico, Micaela foi pesquisar na internet e entendeu o que significava ter um filho com microcefalia. Segundo a notícia, sua reação ao saber do que se tratava a doença foi chorar.

Os trechos aqui trazidos e, principalmente, a imagem da Figura 1, enquadram a mulher mãe infectada com Zika como uma “mulher-sozinha”, à deriva, desamparada tanto pelas políticas públicas de saúde quanto pelas próprias relações familiares. Especialmente a imagem da Figura 1 nos aponta, imagetivamente, para uma ausência importante: os maridos das mulheres mães infectadas com Zika, portanto pais das crianças com microcefalia, estão ausentes das narrativas das notícias arquivadas. Apenas no vídeo analisado os pais das crianças comparecem; nos textos das notícias eles simplesmente não são citados nem como fonte, nem como personagens centrais. As mulheres mães são, portanto, “mulheres-sozinhas” e, nessa mesma análise, podemos sugerir que os maridos são “pais-ausentes”. A solidão das mães infectadas com Zika, que carregam a responsabilidade do cuidado com os bebês com microcefalia, e a ausência dos pais nos textos e imagens das notícias, podem ser compreendidos como efeitos das relações desiguais de gênero nas quais é atribuído à mulher mãe a obrigação de zelo pela criança recém nascida. A expressão imagética de tais relações desiguais de gênero é tal como aparece na Figura 1: uma mulher mãe sozinha, com uma bebê com microcefalia no colo, circundada por dois lugares vacantes.

O BEBÊ-MONSTRO NAS NOTÍCIAS SOBRE ZIKA E MICROCEFALIA

Jeffrey Jerome Cohen (2000), na obra “Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras”, nos apresenta sete teses que tratam das diferentes figuras do monstro, produzidas em determinadas culturas em diferentes momentos. O sujeito monstruoso surge, então, como a ilustração de uma determinada cultura em um dado momento, sendo ele produto e produção dessa mesma cultura. Para Cohen (2000), o monstro é aquele que revela e adverte, o corpo do monstro é pura cultura.

O monstro nasce nessas encruzilhadas metafóricas, como a corporificação de um certo momento cultural — de uma época, de um sentimento e de um lugar. O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o monstrum é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”, um glifo em busca de um hierofante. Como uma letra na página, o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o

momento no qual ele é recebido — para nascer outra vez. (COHEN, 2000, p. 26-27)

Nesta perspectiva, Cohen (2000), baseado em outros autores, afirma que o monstro aparece, sempre em épocas de crise, como um terceiro termo que problematiza o choque entre extremos. O monstro, conforme Cohen (2000), é a diferença: ele surge dentro de uma determinada cultura, em um determinado meio, mas é compulsivamente colocado para o fora, para além das fronteiras da normalidade. As diferenças que constroem o monstro podem ser diversas: culturais, políticas, sexuais, raciais, econômicas, características essas quase sempre visivelmente identificadas no corpo monstruoso.

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é uma incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles loci que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas, em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual (COHEN, 2000, p. 32).

Para este relato de pesquisa, utilizamos o conceito de monstro para abordar os enquadramentos midiáticos feitos pela Folha de S. Paulo on-line através de falas de especialistas, relatos das próprias mães a respeito de como seus/suas filhos/as são representados/as e uma imagem específica que ilustra uma das notícias do material empírico.

Trecho 4: “Em um evento de cooperação das agências de vigilância em saúde de 20 países, na Embaixada da França em Brasília, sobre cooperação para o combate ao Zika, o Ministro da Saúde Marcelo Castro afirmou que o governo tem ‘convicção’ e que está no caminho certo. Segundo ele, a imagem de bebês com microcefalia é ‘devastadora’. ‘É uma coisa nova, assustadora, que está ocorrendo na história da humanidade’ (“Contra a Zika, agências de vigilância sanitária querem trocar informações”, 01.03.2016, Folha de S. Paulo).

Trecho 5: “Horas antes da aula, Castro também ministrou uma palestra para funcionários da Fiocruz em Brasília e participou de uma ‘mini-inspeção’ contra focos do mosquito no entorno do edifício. Ao citar que os casos de microcefalia ‘não são números, mas seres humanos’, Castro interrompeu o discurso e chorou. ‘Imagina o

que é uma mãe de família olhar para sua criança com microcefalia e saber que essa criança nunca vai ter autonomia para se conduzir e que vai precisar a vida inteira de cuidados especiais?’, justificou. ” (“Inspeção e choro”, 11.03.2016, Folha de S. Paulo).

Nos dois trechos destacados enquadra-se a criança com microcefalia como monstruosa. As falas são de uma das principais autoridades discursivas da saúde no País, o próprio Ministro da Saúde da época, em um evento que reunia 20 agências de vigilância em saúde de 20 países diferentes. A autoridade, de gênero masculino, usa palavras categóricas para falar sobre as crianças com microcefalia: para o então Ministro, trata-se de uma imagem “devastadora”, uma coisa “nova e assustadora”, conforme aparece no trecho número 4. Ainda, a fala do Ministro na Escola reproduzida no trecho número 5 produz e reforça um lugar para o bebê com microcefalia como sendo o de um corpo inútil, improdutivo e incapaz de desenvolver as mínimas habilidades intelectuais e contribuir para o coletivo social. Supostamente um fardo a ser carregado pela sociedade e supostamente um custo que deverá receber cuidados e assistência a vida toda: um monstro cujos sinais de monstruosidade estão inscritos em seu próprio corpo (no caso, o perímetro cefálico menor que o “normal”). O bebê-monstro é posicionado como digno de pena: pelo modo como a notícia é apresentada, o próprio Ministro cai em lágrimas ao ilustrar uma cena em que sua própria mãe lastima a anormalidade do filho.

Trecho 6: “Vão ficar com esse fantasma rondando até o sexto mês de gravidez quando a microcefalia aparece no ultrassom” (“Surto faz quatro países da América Latina recomendarem evitar gravidez”, 05.02.2016, Folha de S. Paulo).

O trecho 6 apresenta o bebê com microcefalia relacionado à contaminação do Zika e a transmissão vertical do vírus da mãe para o feto. O bebê é enquadrado como pertencente ao campo do monstruoso, do indesejável, algo que deve ser temido como um fantasma que assombra a mãe até o sexto mês de gestão, quando então será possível a confirmação do diagnóstico. O fantasma do “bebê-monstro”, anormal, está mais uma vez associado à maternidade e problematiza a mulher mãe; também mais uma vez a existência de um marido (ou de qualquer outra relação familiar) não é

informada. O fantasma (ou o monstro) no qual é convertido o bebê da mulher mãe infectada com Zika é responsável pela evitação da gravidez. A Figura 2, imagem que ilustra uma das notícias arquivadas, e o trecho 7, de parte do vídeo sobre Zika e microcefalia publicado pela Folha de S. Paulo on-line no YouTube, são exemplares na caracterização da criança com microcefalia como “bebê-monstro”:



Figura 2 - Exame em bebê com microcefalia, publicada na Folha de S. Paulo on-line em 11/03/2016.

Trecho 7: [mãe de um bebê com microcefalia] Tinha uma senhora de muletas, aí esperou a enfermeira vestir o menino, quando vestiu ela fez: “Ah, até que é bonitinho. Quem é ela? Quem é a nojenta?” É nojenta sim, porque olha para nossos filhos como se fossem uns ratos, umas coisas, não são, não são! (...) [mãe de um bebê com microcefalia]: E a minha médica foi muito grosseira para passar para mim, ela passou que: “assim, você tem microcefalia, agora faz esse exame para a gente ver o que é. E tem que fazer!” Eu disse para ela que não poderia fazer. Então ela bruscamente disse: “Então você corre um risco de levar um susto quando seu bebê nascer!” (Transcrição de trecho do vídeo “Zika microcefalia e os dilemas da gravidez”, publicado no canal oficial da TV Folha no Youtube, em 05.02.2016)

Nesses trechos de transcrição do vídeo e na imagem da Figura 2 ficam explícitas as marcas associadas às crianças que nascem de mães infectadas pelo Zika, pelo menos nas notícias do veículo: o bebê é enquadrado como monstruoso, narrado como “nojento”, posicionado na narrativa de uma mãe como aquele que poderia ser um

“susto” quando nascesse. Trata-se da marca da diferença inscrita na própria carne dessas crianças, expressa pela Figura 2, incorporando medo e ansiedade acerca de como a vida encerrada em seus corpos vai se desenvolver. O enquadramento das crianças com microcefalia como “bebês-monstro” obedece às expectativas culturais em circulação no Brasil à época da epidemia de Zika: seres anormais, cujas vidas serão um fardo para as mães (sem que seus pais sejam igualmente mencionados), corpos marcados pela microcefalia, cuja representação imagética posiciona-os como indesejáveis, “assustadores”, “fantasmas”.

O DESAPARECIMENTO DO HUMANO E CENTRALIDADE DAS ESTATÍSTICAS NAS NOTÍCIAS SOBRE ZIKA

A partir do mês de junho até agosto de 2016 as notícias e manchetes da Folha de S. Paulo on-line versaram predominantemente sobre as delegações e atletas que desistiram ou confirmaram suas presenças no maior evento esportivo do mundo que ocorreu no Brasil, as Olimpíadas. As decisões de desistência ou confirmação de participação foram influenciadas pela ocorrência da epidemia de Zika no Brasil. Porém, as repercussões da epidemia de Zika são noticiadas como ameaças menores, como algo que não colocaria em risco aqueles ou aquelas que viessem a participar do evento. As mesmas notícias e manchetes também noticiam recomendações e orientações sobre a prevenção sexual, na tentativa de tranquilizar os possíveis turistas e participantes do evento a respeito do controle da epidemia. Entre as 57 manchetes coletadas, somente quatro tratam das mulheres que tiveram Zika durante a gravidez ou sobre os bebês com microcefalia. Três manchetes relatam o nascimento de bebês com microcefalia fora do País. Por outro lado, vinte e nove manchetes tratam sobre os avanços das pesquisas de combate ao Zika, testes das vacinas, outros possíveis inibidores do contágio com o vírus e dados gerais da epidemia. Nessa direção, é perceptível o deslocamento das narrativas jornalísticas às vésperas das Olimpíadas, em agosto de 2016, quando comparadas às notícias veiculadas pela Folha de S. Paulo on-line desde o início da pesquisa, em janeiro de 2016. A partir de abril do ano de 2016, o jornal diminui a publicação de informações sobre os bebês com microcefalia, sobre as mulheres nordestinas infectadas pelo Zika e sobre a transmissão vertical do vírus para

seus bebês – dado que caracteriza isto que chamamos aqui de esquecimento midiático dos indivíduos afetados pela epidemia.

Abaixo segue uma lista com algumas manchetes que exemplificam a modificação da abordagem sobre a epidemia de Zika na Folha de S. Paulo on-line a partir do mês de abril⁷. Trata-se de uma lista ilustrativa sobre a ênfase dada pelo veículo às estatísticas e números envolvendo a epidemia de Zika e casos de microcefalia.

“As medidas contra a epidemia da dengue e do Zika vírus”
“Sobe para 1.113 o nº de casos confirmados de microcefalia no País”
“O mosquito continua aí. Quantas doenças mais ele pode trazer”
“Estado do Rio confirma 36 bebês com microcefalia com sugestão de Zika”
“Colômbia: número de grávidas notificadas com Zika sobe para 11.099”
“O Instituto Nacional de Saúde da Colômbia informou que 11.099 mulheres grávidas foram notificadas com Zika no país desde o início da fase endêmica da doença, em outubro do ano passado. Desse total, 1.703 casos foram confirmados. O total de pessoas notificadas com o vírus é de 68.660. ”
“Brasil registra 91.387 casos prováveis de Zika em 2016”
“Zika é detectado em macacos no Ceará”
“OMS diz que há 'consenso forte' de que Zika causa a microcefalia”
“Cientistas brasileiros ligam Zika a novo distúrbio cerebral em adultos”
“Incógnitas sobre Zika”

Através desta tabela pode-se entrever o deslocamento dos enquadramentos feitos pela Folha de S. Paulo on-line referente à epidemia de Zika no Brasil. Nos meses anteriormente analisados, os personagens noticiosos eram a mulher nordestina mãe e sozinha, o bebê com microcefalia. A partir do mês de abril de 2016, o foco do veículo passa a ser informações baseadas em dados sobre pesquisas em relação ao Zika, números sobre o aumento de casos de Zika e microcefalia no país, dados sobre

⁷ Salientamos que, especificamente na lista trazida, constam apenas as manchetes das notícias, posto que havia um impedimento de acesso de conteúdo, imposto pelo veículo analisado, a partir de abril de 2017.

descobertas de outras relações e consequências do vírus Zika em adultos, informações sobre consenso da relação entre Zika e causa de microcefalia por cientistas biomédicos.

Inicia-se, assim, pela Folha de S. Paulo on-line um processo de deslocamento do enquadramento das notícias do campo das narrativas de vida para o campo das estatísticas, preferindo a exibição de gráficos e tabelas com porcentagens sobre a epidemia em detrimento às narrativas de pessoas afetadas pelo Zika. Com isso, sugerimos que o conteúdo produzido pelo veículo até abril de 2016 priorizou como personagens noticiosos pessoas com nome e sobrenome, idade, local de residência e, principalmente, priorizou relatos de vivências das mulheres mães sobre a epidemia de Zika, afirmações de especialistas (quase sempre médicos homens) que proferiam recomendações para mulheres mães a respeito da gravidez em tempo de Zika. A partir de abril de 2016, observamos que o novo enquadramento das notícias passou a priorizar dados sobre a epidemia, dados sobre descobertas, números e estatísticas, caracterizando isso a que damos o nome de “desaparecimento do humano” nas notícias publicadas pelo veículo no período proposto.

169

Podemos supor que há uma mudança a respeito da relevância das vidas que merecem ser noticiadas pela Folha de S. Paulo on-line. Observamos que, mais próximo das Olimpíadas Rio 2016 (junho, julho, agosto de 2016), novos personagens noticiosos ganham visibilidade e relevância nas abordagens feitas pela Folha de S. Paulo on-line: turistas estrangeiros, atletas olímpicos e números passam a ocupar o lugar das mulheres nordestinas “mães-sozinhas” e das crianças “bebês-monstro” com microcefalia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM ESQUECIMENTO MIDIÁTICO

No final do mês de julho de 2016, a Folha de S. Paulo on-line publicou uma reportagem com foco nas narrativas de personagens reais sobre a epidemia de Zika no Brasil com a seguinte manchete: “Pais de bebês com microcefalia vivem abandono e recorrem à Justiça em PE”.

Trecho 8: “Um ano depois do início das notificações dos casos que ganharam repercussão internacional, com epicentro em Pernambuco, pais de bebês com microcefalia reclamam de abandono pelo poder público, tanto na falta de recursos financeiros como no tratamento médico e apoio psicológico prometidos por prefeituras, Estado e União. (...) Em Pernambuco, o número de notificações de bebês com microcefalia alcançou 2.074 registros (376 deles confirmados). O relato de mães ouvidas pela Folha no Estado é de desesperança e tristeza pela saúde dos filhos, que têm dezenas de convulsões diárias, danos oftalmológicos, disfagia (dificuldade para engolir) e refluxo.” (29.07.2016, Folha de S. Paulo on-line)

Conforme mostra o trecho 8, é possível perceber que a situação comum da grande maioria das mulheres mães nordestinas e seus bebês com microcefalia é de situação de abandono e precária assistência por parte do poder público. Especificamente no epicentro da epidemia em Pernambuco um ano após o início das primeiras notificações sobre Zika e microcefalia, a vulnerabilidade das mulheres “mães-sozinhas” e de seus/suas filhos com microcefalia voltou a ser tematizada pela Folha de S. Paulo on-line através da abordagem sobre a falta de recursos financeiros, de tratamento médico e de apoio psicológico prometidos por prefeituras, estados e União.

As “mães-sozinhas” e suas crianças com microcefalia são novamente enquadradas pela moldura do desamparo e da vulnerabilidade quando o veículo transforma em notícia o fato de esses indivíduos terem sido esquecidos pelo poder público. Assim, é possível perceber através do trecho 8 (e, de modo mais amplo, através de todo o esforço analítico deste relato de pesquisa) que, se conforme a Teoria da Agenda, os meios de comunicação de massa podem determinar a agenda do público, os mesmos meios de comunicação podem também determinar os esquecimentos de determinados temas pelos públicos. No caso do trecho recém trazido, porém, o esquecimento das mulheres nordestinas infectadas pelo Zika e das crianças com microcefalia é enquadrado como um esquecimento estatal, governamental, e não como um esquecimento midiático. Assim, é interessante observar que o veículo Folha de S. Paulo on-line aborda o esquecimento político das

mulheres “mães-sozinhas” da epidemia de Zika e das crianças com microcefalia como algo que tem valor-notícia; entretanto, vale sublinhar que o próprio veículo contribuiu para esse esquecimento político quando cessou de tematizar, em suas notícias e manchetes, as condições das mulheres infectadas com Zika e das crianças com microcefalia. Ainda, mesmo quando volta a noticiar fatos importantes sobre a epidemia, o enquadramento das personagens continua sendo constituído pelo desamparo e fragilidade.

Sugerimos, assim, que todo esquecimento político vem acompanhado de um esquecimento midiático. O poder de agendamento e de enquadramento conferido ao jornalismo, juntamente com os valores-notícia, promovem intrinsecamente a necessidade de esquecimento midiático na prática jornalística – esquecimento este pautado até mesmo pelo próprio veículo aqui analisado, mas não como de sua responsabilidade. É somente a partir deste poder de enquadramento e poder de agendamento que, neste relato de pesquisa, podemos identificar as categorias da “mãe-sozinha”, “pai-ausente” e “bebê-monstruoso” produzidas através das notícias publicadas sobre a epidemia de Zika no nordeste do Brasil pela Folha de S. Paulo online.

REFERÊNCIAS

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 24-55.

DINIZ, Debora. **Zika: do sertão nordestino à ameaça global**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 5, n. 9, Porto Alegre: 1998. p. 87-96.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GONÇALVES, Telmo. A abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. **Caleidoscópio – Rev. De Comunicação e Cultura**. n. 5/6, 2005, p. 157-167.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação** – ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: teoria e política. In **Corpo, Gênero e sexualidade** - um debate contemporâneo na Educação. LOURO, G. FELIPE, J. GOELNER, S. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2005. p. 9-26.

TRAQUINA, Nelson. Theory consolidation in the study of journalism - A comparative analysis of the news coverage of the HIV/AIDS issue in four countries. **Journalism**, vol. 5, n. 1, 2004. p. 97-116.

Sobre o autor: Luiz Felipe Zago é Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Pedagogias e Políticas da Diferença, e Professor do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (Campus Canoas). Graduado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), Mestre (2009) e Doutor (2013) em Educação pela UFRGS.

Sobre o autor: Paulo Renato Pimentel é graduando do curso de Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil – Campus Canoas. Foi bolsista de Iniciação Científica com financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul entre agosto de 2015 e julho de 2017.